

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS EM ASURINI DO XINGU

Antônia Alves Pereira

Resumo: Este artigo discute a formação das orações subordinadas em Asurini do Xingu e mostra como funcionam em relação à oração principal. A nominalização é o recurso largamente utilizado para formar essas orações. Entretanto, há um subconjunto de orações adverbiais que é constituído por morfemas subordinantes. A sintaxe é essencial para distinguir um tipo oracional de outro quando suas estruturas são morfológicamente idênticas. Em relação às orações independentes, as orações subordinadas apresentam marcadores de pessoa e concordância que as distinguem morfológica e sintaticamente daquelas orações. Os dados foram analisados em consonância com a abordagem tipológico-funcional, partindo de pressupostos teóricos encontrados em autores, como: Comrie (1989), Givón (2001), Dixon (2006).

Palavras-chave: Morfologia; Sintaxe; Asurini do Xingu; Argumentos

MORPHOSYNTACTIC ASPECTS OF SUBORDINATE CLAUSES IN ASURINI OF XINGU

Abstract: This paper aims to discuss the formation of subordinate clauses in Asurini of Xingu and shows how they work in relation to the main clause. Nominalization is the widely used resource for forming these clauses. However, there is a subset of adverbial clauses that use subordinating morphemes. Syntax is essential for distinguishing one clause type from another when their structures are morphologically identical. Subordinate clauses have markers of person and agreement that distinguish them morphologically and syntactically from independent clauses. Data were analyzed in accord with the typological-functional approach, based on theoretical assumptions found in authors such as Comrie (1989), Givón (2001), and Dixon (2006).

Keywords: Morphology; Syntax; Asurini of Xingu; Arguments

ASPECTOS MORFOSINTÁTICOS DE LAS ORACIONES SUBORDINADAS EN ASURINI DO XINGU

Resumen: Este artículo analiza la formación de las cláusulas subordinadas en Asurini do Xingu y muestra cómo funcionan en relación con la cláusula principal. La nominalización es el recurso ampliamente utilizado para formar estas oraciones. Sin embargo, hay un subconjunto de cláusulas adverbiales que se compone de morfemas subordinados. La sintaxis es esencial para distinguir un tipo de oración de otro cuando sus estructuras son morfológicamente idênticas. En relación con las cláusulas independientes, las cláusulas subordinadas tienen marcadores de persona y concordancia que las distinguen morfológicamente y sintácticamente de esas cláusulas. Los datos se analizaron a la luz del enfoque tipológico-funcional, basado en supuestos teóricos encontrados en autores, tales como: Comrie (1989), Givón (2001), Dixon (2006).

Palabras clave: Morfología; Sintaxis; Asurini do Xingu; Argumentos

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva discutir a formação das orações subordinadas em Asurini do Xingu e mostrar como funcionam em relação à oração principal. Essa língua pertence à família Tupi-Guarani, grupo IV, conforme classificação interna proposta para família por Rodrigues e Cabral (2002). Ela tem em comum com outras línguas da família Tupi-Guarani várias características, como: a ordem básica dos constituintes SOV- sujeito, verbo, objeto- (apesar de a língua apresentar outras ordens de acordo com a estrutura da informação, ou seja, o uso de uma ordem ou outra, normalmente, está relacionado aos efeitos comunicativos que o falante deseja obter); é uma língua de sistema posposicional; o genitivo precede o nome, sendo o nominal possuído assinalado com prefixo relacional para mostrar a relação entre possuidor e possuído no sintagma nominal; os nomes funcionam, primariamente, como predicado, isto é, sem nenhuma morfologia especial e há uma cisão no sistema dos verbos intransitivos (verbos intransitivo ativos e transitivos estativos), revelando ser o Asurini do Xingu uma língua de estrutura ativo-estativa, é uma língua de morfologia abundante.

No decorrer do trabalho, mostramos que as orações subordinadas, nessa língua, partilham entre si certas características morfológicas e sintáticas. Alguns nominalizadores da língua são comuns às orações subordinadas, isto é, atuam na formação de alguns tipos distintos de orações subordinadas- e o argumento subjetivo é marcado de forma análoga nessas orações.

Os dados utilizados nesse trabalho foram coletados por mim *in locu* através de textos de natureza variada (narrativas, procedurais, etc.) e questionários ao longo de nossa pesquisa junto ao povo Asurini do Xingu. A metodologia consistiu na coleta dos dados, formação de hipóteses de funcionamento e, posterior, verificação junto aos falantes. A análise desses dados foi feita em consonância com a abordagem tipológico-funcional, partindo de pressupostos teóricos encontrados em autores, como: Comrie (1989), Givón (2001), Dixon (2006).

Este artigo está dividido em quatro partes. Na primeira, tratamos dos tipos de oração subordinada em Asurini do Xingu, na segunda apresentamos aspectos da morfologia das orações complexas, na terceira tratamos de algumas características sintáticas dessas orações na língua, e, finalmente, na última parte apresentamos nossas considerações finais.

ORAÇÕES SUBORDINADAS EM ASURINI DO XINGU

A subordinação é um recurso utilizado nas línguas naturais e em vários níveis no processo de comunicação. É uma estratégia usada pelas línguas para organizar seu sistema, demonstrando que há unidades que são hierarquicamente superiores a outras, ou seja, há unidades que são dependentes de outras, funcionando como uma parte de um todo, estando, portanto, subordinadas. A subordinação de que se ocupa esse trabalho é aquela que ocorre no nível oracional, envolvendo uma oração dita principal e uma oração dependente, desempenhando esta última um papel sintático em relação à principal.

A tipologia linguística aponta três tipos de orações subordinadas: oração complemento, oração relativa e oração adverbial. A oração complemento funciona como argumento de um predicado, conforme autores como Noonan (1985, p. 42) e Dixon (2006, p. 3)¹. Para Diessel (2005, p. 435), a oração complemento, usualmente, é um constituinte obrigatório da cláusula principal, não podendo, assim, ser omitido². Já a oração relativa, em conformidade com Dixon (2006, p. 4),

¹ A oração complemento “functions as core arguments of a predicate” (NOONAN, 1985, p. 42; DIXON, 2006, p. 3)

² “They are usually obligatory constituents of the main clause and thus cannot be omitted”.

é parte de um sintagma nominal na cláusula. Ela modifica o núcleo do sintagma a que se refere, funcionando da mesma forma que outros modificadores, como demonstrativos e adjetivos.

A oração adverbial, de acordo com Diessel, semanticamente, é muito mais específica que a oração complemento:

Enquanto as orações adverbiais são marcadas por subordinadores adverbiais, que indicam uma relação semântica específica entre as cláusulas principal e a adverbial, as cláusulas complementos são frequentemente não marcadas formalmente ou incluem um complementizador, que tende a ser semanticamente muito menos específico que o subordinador de uma cláusula adverbial. (DIESEL, 2005, p. 435)³

Em Asurini do Xingu, encontram-se: oração relativa, oração adverbial e a oração complemento. A nominalização é um recurso comumente utilizado para a formação dessas orações, entretanto, há um subconjunto de orações adverbiais que é formado por morfemas subordinantes, demonstrando, dessa maneira, uma característica específica das orações adverbiais nessa língua, conforme veremos mais adiante.

ASPECTOS MORFOLÓGICOS DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas em Asurini, de uma maneira geral, são formadas a partir de nominalizadores⁴ que se anexam à raiz verbal e morfemas subordinantes. Estes últimos, no que se refere à formação de orações complexas e com base na nossa análise para a língua, são encontrados especificamente nas orações adverbiais. A escolha do nominalizador é feita em conformidade com o tipo verbal e a relação expressa entre oração principal e oração subordinada, isto é, a escolha do nominalizador leva em conta os tipos verbais transitivo, intransitivo ativo, intransitivo descritivo, e o papel desempenhado pelos participantes do evento. Dessa maneira, tipos verbais distintos formam orações subordinadas com nominalizadores distintos- os exemplos (05) e (08), exibidos mais a frente, ilustram, respectivamente, uma estrutura intransitiva nominalizada com {-ama'e} e uma estrutura transitiva nominalizada com {-ipyt}. De forma semelhante, participantes distintos exigem diferentes nominalizadores na formação de oração subordinada. Os exemplos (04) e (06), mais a frente, ilustram participantes desempenhando funções distintas no discurso. No exemplo (04), a relativização é de um argumento que o participante é paciente, é feita com o nominalizador {-ipyt}; já no exemplo (08) o argumento sintático relativizado comporta um participante agente, é feita com o nominalizador {-tat}.

A nossa pesquisa, para essa língua, revela que a oração relativa e a oração complemento são formadas pelos mesmos nominalizadores. Até esse estágio, nossa análise aponta os seguintes nominalizadores usados na formação dessas orações: {-ama'e} ~ {-ma'e}, {-ima'e}, {-tat}, {-emi}, {-ipyt} e {-tap}. Dessa forma, as duas estruturas, a relativizada e a complemento, são idênticas morfologicamente. Veremos mais adiante que a sintaxe, em alguns casos com o auxílio da semântica, é de fundamental importância na distinção dos dois tipos de oração. O quadro abaixo exhibe os nominalizadores usados na formação das orações subordinadas em Asurini do Xingu.

³ While adverbial clauses are marked by adverbial subordinators, which indicate a specific semantic relationship between main and adverbial clauses, complement clauses are often formally unmarked or they include a complementizer, which tends to be semantically much less specific than the subordinator of an adverbial clause. (DIESEL, 2005, p. 435)

⁴ Mais informações sobre os nominalizadores em Asurini do Xingu podem ser obtidas em Pereira 2010.

Tabela 1- Nominalizadores de oração

	Agente	Paciente	Atributivo Positivo	Atributivo Negativo	Ação/Estado Oblíquo
V.T	{-tat} ⁵	{-emi-} {-ipyt}			
V.T e V. I.					{-tap}
V. I. e Descritivo			{-ma'e}~ {-ama'e}	{-ima'e}	

Fonte: Pereira (2010)

A seguir, os exemplos de (01) a (04) ilustram orações relativas no Asurini.

- (01) a-etxak kujĩ [u-furu-djuaka-ma'e]
1⁶-ver mulher 3-Gn-pintar-Nom
'eu vi a mulher que pinta (gente)'
- (02) kwaĩ u-djuka maja [kunumĩ mamak-ar-er-a]
Npr 3-matar cobra menino morder-Nom-Pas-N
'Kwaĩ matou a cobra que mordeu o menino'
- (03) dje kuiĩ a-etxak [myra r⁷-emi-etyk-a]
1sg colher 1-ver/achar Npr. Rel-Nom-perder-N
'eu achei a colher que Myra perdeu'
- (04) u-manu kunumĩ [i-manaka-pyr-er-a]
3-morreu menino 3-estar cortado-Nom-Pas-N
'morreu o menino que estava cortado'

As orações complementos nos exemplos (05), (06) e (07), abaixo, conforme se pode notar, foram formados por {-ama'e}, {-tat} e {-emi}, analogamente aos exemplos (01), (02), (03), acima, que ilustram oração relativa. Sintaticamente, percebe-se que a oração relativa funciona como qualificadora de um sintagma nominal que se encontra na oração principal. Em (03), por exemplo, a colher encontrada era uma com traços específico/particulares (não qualquer colher): foi a que Myra havia perdido. O constituinte [myrar-emi-etyk-a] funciona como um especificador/qualificador do complemento objeto, expresso pelo sintagma nominal kuiĩ. Já no exemplo (07) a estrutura oracional subordinada [ene r-emi-etyka-Ø] funciona como

⁵ Os afixos nominalizadores do Asurini do Xingu, em virtude do processo de alomorfa, podem adquirir outras formas além das apresentadas acima. Os fenômenos mais comuns são a queda da consoante dental inicial e as mudanças de t para v e p para r na posição final do morfema quando estes últimos se encontram antes do morfema {-a} (PEREIRA, 2009).

⁶ **Abreviaturas** - Circ= Circunstancial, Cond=Condicional, Cons=consecutivo, Fem=feminino, Fut=Tempo futuro, G=Modo gerúndio, Gn=morfema genérico, Loc=Locativo, Mas=Masculino, Subj=Modo subjuntivo, Nom=Nominalizador, Neg=Negação, Npr=Nome próprio, Part.=Partícula, Pas=Passado, N=marcador de caso nuclear, Pl=Plural, Posp=Posposição, Refl=reflexivo, Rel=Prefixo relacional, A= sujeito de sentença transitiva, Sa= Sujeito de sentença intransitiva ativa, So= Sujeito de sentença intransitiva descritiva; O= Objeto, 1=1a pessoa, 2= 2a pessoa, 3=3a pessoa.

⁷ O prefixo relacional em Asurini do Xingu é discutido em Pereira (2009). Manifesta-se em mais de uma forma.

complemento objetivo da oração a-etxak. Dessa maneira, em circunstâncias como essas, apenas o recurso morfológico seria insuficiente para distinguir oração complemento de oração relativa, sendo necessário se recorrer também à sintaxe.

- (05) dje a-kwap [kudjema'e ur-ama'e]
1sg 1-saber homem vir-Nom
'eu sei quem é o homem que veio'
- (06) dje a-kwap [ene Ø-ata-var-a]
1sg 1-saber 2sg Rel-caçar-Nom-N
'eu sei que você é caçador'
- (07) a-etxak [ene r-emi-etyka-Ø]
1-ver/encontrar 2sg Rel-Nom-perder-N
'eu achei o que (aquilo que) você perdeu'
- (08) [asurini dje dje' ĕg-av-a] ga u-rip
asurini 1sg falar-Nom-N 3sgMas 3-alegrar
'o fato de eu falar asurini, alegrou-o'

Já no que se refere à morfologia das orações adverbiais, conforme se disse anteriormente, são constituídas por nominalizador e por morfemas subordinantes. Apesar de a nominalização ser também um recurso utilizado para se formar as orações adverbiais no Asurini, sendo nesse quesito similar às orações complemento e relativa, as orações adverbiais são formadas pelo nominalizador {-tap}, acompanhado pelo morfema {-a}⁸~{-ø} e posposição, pela nominalização do verbo através do morfema {-a}~{-O}, seguido de locativo e pelos morfemas subordinantes que atuam, exclusivamente, na formação de oração adverbial, não tendo sido encontrado por nós, até esse estágio de nossa pesquisa, como recurso usado na formação de outras subordinações oracionais. Os morfemas subordinantes a que fazemos alusão são: {-rame}, {-ramu}, {-rire} ~ {-ire} e morfema marcador de modo verbal gerúndio {-a}~{-w}~{-w̃} (Cf. PEREIRA, 2011). A seguir, exemplos de orações adverbiais contendo nominalizador e orações adverbiais contendo morfemas subordinantes:

- (09) n-ere-djat-i [dje r-ut-av-a i]
neg-2sg-vir-neg 1sg Rel-voltar-Nom-N Posp.
'você não vem de onde eu estou voltando'
- (10) [kunumĩ avyki-rame] i-'y - dje-mumy'a
Menino apanhar-Subj 3- mãe- refl- envergonhar-se/entristecer-se
'quando o menino apanha, sua mãe fica envergonhada/triste'
- (11) maja u-djuka [u-furu-mamak-amu]
cobra 3-matar 3II-Gn-morder-Cond
'ele mata a cobra se ela morder (gente)'

⁸ Esse morfema é recorrente nas línguas da família Tupi-Guarani. Em muitas delas ainda marca todas as funções tipicamente nominais. No Asurini do Xingu, dá indícios de ter marcado as funções nominais em estágios anteriores da língua. No estágio atual, parece está perdendo o *status* gramatical em alguns contextos. Para mais informações sobre esse morfema, remetemos o leitor a Pereira (2009) e Pereira (2011).

- (12) myra u-ut [anyra djuka-w]
Npr 3-vir morcego matar-G
'Myra veio matar o morcego'

No exemplo (09), tem-se uma oração adverbial locativa formada a partir do nominalizador {-tap}⁹; nos demais exemplos, tem-se orações adverbiais constituídas por morfemas subordinantes.

Os elementos que funcionam como sujeito nas orações subordinadas em Asurini do Xingu são codificados por: (a) nominais e pronomes pessoais (acompanhados por relacionais), (b) prefixo relacional de terceira pessoa especificada, (c) prefixos da série I e (e) prefixos da série II, exclusivos para as orações adverbiais, e (d) zero. Nas orações independentes ativas, apenas prefixos da série I são codificados junto ao verbo, exprimindo relação de correferência com o sujeito da oração. Essa característica do Asurini do Xingu é comum a outras línguas da família Tupi-Guarani, como Kamaiurá Seki (2000). Abaixo, o quadro II apresenta a série de pronomes pessoais e as séries I e II de prefixos.

Tabela 2- pronomes pessoais e séries I e II dos prefixos

Pessoas	Pronomes pessoais	Prefixos da série I	Prefixos da série II
1 ^a p. sg	Dje	a-	te-
2 ^a p. sg	Ene	ete-	e-
1 ^a p. incl.	Djane	txa-	djare-
1 ^a p. excl.	Ure	uru-	uru-
2 ^a p pl.	Pene	pe-	pedje-
3 ^a p. sg/PL	ga (Mas.), ã (Fem.) / gy	u-	u-

Fonte: Pereira (2009)

a) A codificação do sujeito na oração complemento

- (13a) dje a-kwap [ene Ø -'ata-var-a] (verbo intransitivo ativo)
1sg 1-saber 2sg Rel-caçar-Nom-N
'eu sei que você é caçador'
- (13b) dje a-kwap [ene Ø- maryn-av-a] (verbo intransitivo descritivo)
1sg 1-saber 2sg estar.doente-Nom-N
'Eu sei que você está doente'
- (13c) a-kwap [myra t-yru futuka-ar-a] (verbo transitivo)
1-saber Npr. 3- roupa lavar-Nom-N
'eu sei que Myra lava roupa'
- (13d) a-kwap [ã t-yru futuka-ar-a] (verbo transitivo)
1-saber 3sg. Fem. 3-roupa lavar-Nom-N
'eu sei que ela lava roupa'

b) Codificação do sujeito na oração relativa

⁹ Em contextos como esse o *p* passa a *v* e há a queda do *t*.

(14a) myra mani'aka u-kytyk ene r-emi-pepĩ- O
Npr. mandioca 3-ralar 2sg Rel-Nom-descascar-N
'Myra ralou a mandioca que tu descascaste'

(14b) kwa'ĩ u-djuka maja kunumĩ mamak-ar-er-a
Npr. 3-matar cobra menino morder-Nom-Pas-N
'Kwa'ĩ matou a cobra que mordeu o menino'

(14c) u-manu kunumĩ i-manaka-pyr-er-a
3-morreu menino 3-estar cortado-Nom-Pas-N
'morreu o menino que estava cortado'

c) Codificação do sujeito na oração adverbial

(15a) n-ere-djat-i [dje r-ut-av-a i]
neg-2sg-vir-neg 1sg Rel-voltar-Nom-N Posp.
'você não vem de onde eu estou voltando'

(15b) [te-dje-akwv-amu] n-aha-i ne
1II-Refl-estar.febril-Cond neg-ir-neg Fut
'se eu estiver com febre, eu não irei'

(15c) t-a'yra a-avyki [i-ar-ame]
3-filho 1-bater 3-sair-Subj
'eu bati no filho dele quando ele saiu'

Conforme se pode notar, após receber o nominalizador, a estrutura verbal recebe o morfema {-a} ~ {-ø}. É um processo comum às orações dependentes formadas via nominalização, exceto, se formadas pelos nominalizadores {-ama'e} e {-ima'e}, consequentemente, essas estruturas não recebem o morfema marcador de passado nominal {-et}. Seki (2000) também observou esse fenômeno no Kamaiurá.

ASPECTOS SINTÁTICOS DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

Dixon (2006), Thompson e Logacre (1985, p. 172) e Comrie e Horie (1995) distinguem sintaticamente oração relativa de oração complemento. Segundo esses autores, a oração complemento, prototipicamente, funciona como sintagma nominal em relação à principal, já a oração relativa atua como modificadora de nomes ou sintagmas nominais. E Para Noonan (1985, p. 42), por complementação entendemos a situação sintática que surge quando uma sentença funciona como argumento de um predicado. Dessa maneira, percebe-se que enquanto a oração complemento funciona como um argumento que desempenha a função de sujeito ou de objeto em relação à oração principal, isto é, sendo sintaticamente similar a um sintagma que desempenha a função sujeito ou objeto; a oração relativa funciona como uma espécie de qualificadora e/ou modificadora, sendo, mais carente de compartilhamento de traços semânticos com o sintagma que funciona como núcleo da oração a que ela qualifica e/ou modifica. A seguir, apresentamos exemplos que ilustram essas situações no Asurini. O exemplo (17) exhibe uma oração relativa, o (18) uma oração complemento.

(17) kwa'ĩ u-djuka maja kunumĩ mamak-ar-er-a
Npr. 3-matar cobra menino morder-Nom-Pas-N

‘Kwa’i matou a cobra que mordeu o menino’

- (18) dje a-kwap [ene Ø -'ata-var-a]
1sg 1-saber 2sg Rel-caçar-Nom-N
‘eu sei que você é caçador’

Já que no que tange à oração adverbial, conforme Dryer (1992), tipologicamente, o subordinador é o responsável pela relação semântica entre a oração adverbial e a oração principal. Na Tipologia Linguística, tem sido observado que a oração adverbial funciona, em relação à principal, como um advérbio numa oração independente, isto é, o papel sintático desempenhado pela oração adverbial é idêntico aquele desempenhado pelo advérbio em uma oração independente, isto é, atuando, como um circunstancial, sendo distintos oração e sintagma adverbiais apenas estruturalmente, enquanto a oração adverbial é morfologicamente muito mais complexa, o sintagma adverbial pode ser expresso por uma simples palavra, por exemplo. Em Asurini do Xingu, essa relação entre elemento de natureza adverbial e oração independente ou principal pode expressar circunstâncias como tempo, causa, condição.

- (19) [ure dje’ëga -rire] ã vaem-i
1pl fala Cons 3sg.Fem chegar-Circ
‘ela chegou depois de nossa fala’

- (20) karukamẽ ga kyr-i
ontem 3sg.Mas dormir-Circu
‘ele dormiu ontem’

Pode-se verificar que em (19) a oração adverbial exprime um evento que ocorre posteriormente aquele expresso na oração principal e em (20) o advérbio exprime o tempo em que ocorre ação verbal da oração independente.

Não existe um critério morfológico que por si faça distinção entre sujeito e objeto nessas orações. Tampouco existe distinção formal entre os diferentes tipos de sujeitos, como existe nas orações independentes. A valência do verbo e o nominalizador fazem com o que o falante identifique os argumentos, interpretando-os como Sa, So, A ou O, independentemente da codificação dos mesmos, ou seja, a identificação do tipo de sujeito envolvido no discurso é feita sintaticamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo mostramos que as orações subordinadas no Asurini do Xingu partilham traços morfossintáticos, havendo um vínculo maior entre oração relativa e oração complemento em relação à oração adverbial. Além da dependência em relação à oração principal, as orações subordinadas são formadas, via de regra, através da morfemas nominalizadores, exceto, a oração adverbial, que além de nominalizador, pode ser formada também por morfemas de modo circunstancial {-rire}, de modo subjuntivo {-rame), de modo gerúndio {a} e de condicional {ramu}.

A oração subordinada com morfema nominalizador recebe o sufixo {-a}, exceto se nominalizada com {-ama’e} ou {ima’e}. Essa é uma característica também encontrada no Kamaiurá, em conformidade com a análise de Seki (2000).

Mostramos que a seleção de argumento subjetivo nas orações subordinadas é feita de acordo com a valência do verbo e de acordo com os subtipos verbais: transitivo, intransitivo ativo e intransitivo descritivo e no caso desse último subtipo se pertence à classe morfológica r- ou Ø.

Dessa forma, podem os sujeitos das orações serem codificados por prefixos pessoais ou pronomes de séries distintas.

Esperamos que esse trabalho possa contribuir para futuras pesquisas, seja no âmbito da família tupi-Guarani, seja no âmbito da tipologia Linguística.

REFERÊNCIAS

COMRIE, Bernard. *Language Universals and Linguistic Typology*. Oxford, Brasil Blackwell ,1981.

COMRIE, Bernard & HORIE, Kaoru. 1995. Complement clauses versus relative clauses: some Khmer evidence. In ABRAHAM, Werner. GIVÓN T, and Sandra A. Thompson (eds.). *Discourse Grammar and Typology: Papers in Honor of John W. M. Verhaar*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 65–76.

DIESEL, H. The Ordering Distribution of Main and Adverbial Clauses: A Typological Study. *Language*, v. 77, No. 3, p. 433-455, 2005.

DIXON, Robert M. V. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DRYER, Matthew S. S. Adverbial subordinators and word order asymmetries. In JOHN A. Hawkins.; SIEWIERSKA, Anna (Eds.). *Performance principles of word order (Eurotype Working Papers)*. Strasbourg: European Science Foundation Program in Language Typology, ESF Office, 1992. p. 1-33.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 2001.

PEREIRA, Antônia Alves. Aspectos das orações subordinadas adverbiais em Asurini do Xingu. *Revista Moara* n.36, p.92-103, jul.-dez., 2011

PEREIRA, Antônia Alves. A Nominalização e a oração relativa no Asurini do Xingu. *Liames*, Vol. 10 2010, P. 101-113.

PEREIRA, Antônia Alves. *Estudo Morfossintático do Asurini do Xingu*. 2009, 284p. Tese de Doutorado em Linguística. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. Revendo a classificação interna da família Tupi-Guaraní. In CABRAL. A. S.; RODRIGUES, A. D. (eds.). *Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, Gramática e História*. Atas do I Encontro Internacional do GTLI da ANPOLL. Belém, vol.1, 2002.

SEKI, Lucy. *Gramática do Kamaiurá: Língua tupi-guarani do Alto Xingu*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

KEENAN, Edward L. Relatives clauses. In: Shopen, Thomas (ed). *Language typology and syntactic description*. Complex constructions. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, vol, II, p.141-170.

NOONAM, MICHAEL. Complementation. In: Shopen, Thomas. (ed). *Language typology and syntactic description*. Complex constructions. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, vol, II, p.52-150.

THOMPSON, Sandra A.; LONGACRE, Robert. E. Adverbial clauses. In: SHOPEN, Thomas. (ed). *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press. 1985, v. 2, p. 171-234.

Submetido em março de 2020
Aprovado em outubro de 2020

Informações do(a)(s) autor(a)(es)

Nome do autor: Antônia Alves Pereira

Afiliação institucional: Professora na Universidade Federal do Pará

E-mail: antonia@ufpa.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5167-9808>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9291556179518554>